

A RETOMADA DAS ILHAS MALVINAS

“Quando fui nomeado como governador, o secretário-geral disse que as Falklands eram um lugar tranquilo e cativante. Não havia nada tranquilo em 1982.”

(Sir Rex Hunt, governador das Ilhas Falklands/Malvinas).

BRUNO HENRIQUE **MANFRIM** CRUZ
Aspirante

SUMÁRIO

O Plano Azul
Os súditos da rainha preparam as boas-vindas
O desembarque
Rumo a Moody Brook
Casa do governador
Desfecho

O arquipélago das Falklands/Malvinas é formado por duas ilhas principais (Soledad, onde está a capital Port Stanley, e Gran Malvina) e por outras 700 ilhas menores, além dos arquipélagos secundários Geórgia do Sul, Sandwich do Sul e Shetland do Sul. As ilhas possuem relevo montanhoso e litoral acidentado e as temperaturas variam de -7°C a 20°C , com ventos fortes e chuva a maior parte do ano.

Os primeiros relatos do arquipélago datam de 1501, produzidos por Florentino Américo Vespúcio a serviço de Portugal.

As ilhas foram ocupadas em 1764 por uma expedição francesa e desde então motivaram disputas entre Reino Unido, França e Espanha e posteriormente entre Reino Unido e Argentina, que se considera herdeira dos direitos coloniais espanhóis sobre esse território, entendendo o direito de posse do mesmo como um motivo de credibilidade e orgulho nacional.

Em 1982, a Junta Militar que estava governando a Argentina enfrentava uma crise econômica e agravamento da insatisfação popular. Com o objetivo de restabele-

cer a credibilidade da Junta e canalizar as pressões sociais para uma questão de importância no sentimento patriótico argentino, foi posto em ação um plano para retomar as Falklands/Malvinas.

Os argentinos acreditavam que o governo inglês não desencadearia ações enérgicas para a retomada das ilhas, imaginando que a iniciativa inglesa ficasse somente no campo diplomático. Além disso, em Buenos Aires, acreditava-se que os Estados Unidos não apoiariam a Inglaterra devido ao compromisso de assistência mútua entre os Estados do continente americano em caso de conflito estabelecido pelo Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar) – suposição essa que se mostrou profundamente equivocada: os EUA não só apoiaram os ingleses diplomaticamente, mas também no campo militar, fornecendo rações de combate, combustíveis, mísseis ar-ar AIM9L Sidewinder, determinantes na batalha aérea, bem como inteligência e informações sobre equipamentos de origem norte-americana utilizados pelas Forças Armadas argentinas.

O PLANO AZUL

O Plano Azul previa as ações que culminaram com a Operação Rosário, que materi-

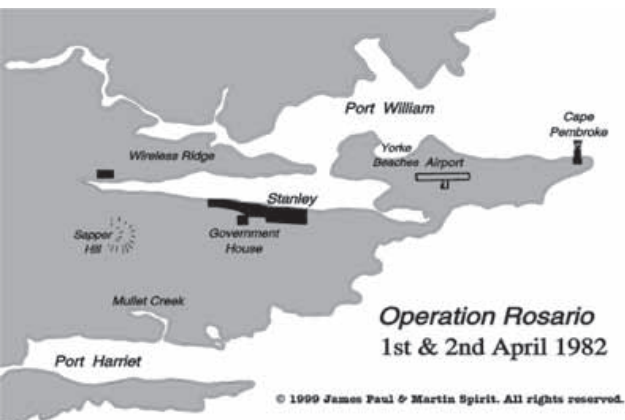
alizou o desembarque argentino e a retomada do arquipélago. A iniciativa militar argentina era motivada (além da suposição da não reação por parte da Grã-Bretanha) pelo fato de a defesa das ilhas ser composta por uma pequena guarnição de Royal Marines (fuzileiros ingleses), que servia no local por um ano, sendo substituída então por outro contingente e pelo navio HMS *Endurance*.

Apesar de parecer um cenário simples, o planejamento e a preparação argentina contaram com algumas falhas e dificuldades. Inicialmente, o ataque seria realizado entre os dias 24 e 25 de maio, para coincidir com um importante feriado nacional, mas foi adiantado para 1º de abril (o desembarque ocorreu no dia 2 por questões meteorológicas), o que ocasionou dificuldades logísticas para as tropas estacionadas nas ilhas.

O 25º Regimento de Infantaria (unidade do Exército argentino que compôs o grosso da força atacante) era composto majoritariamente por conscritos com apenas dois meses de instrução. No desenrolar do conflito, esses jovens, em diversas ocasiões, participaram de difíceis combates e mesmo assim desempenharam com algum sucesso suas funções.

A situação em unidades de “primeira linha” também não era plenamente satisfatória: a Agrupación de Comandos Anfíbios (congênere do Batalhão Tonelero, do Corpo de Fuzileiros Navais, do Brasil), a quem, juntamente com os “Buzos Táticos” (congênere do Grumec), cabia realizar o desembarque precursor em prol da força de desembarque principal, sofria carência de pessoal, o que os levou a utilizar militares recém-formados no curso de operações especiais, bem como de falta de material suficiente para a missão: armamento, botes pneumáticos, motores de popa, roupas de mergulho e óculos de visão noturna.

A guarnição de Royal Marines que servia na ilha estava justamente no período



Mapa da área de operações

de troca, o que significava pelo menos o dobro de soldados ingleses nas ilhas (esse fato, segundo algumas fontes, era desconhecido pelos argentinos). O governo de Margaret Thatcher imprimia cortes orçamentários às Forças Armadas inglesas, e em seis meses era prevista pela Royal Navy (Marinha inglesa) a desativação de vários de seus meios operativos, o que dificultaria uma ação no sentido de reagir ao ataque argentino (as Ilhas Britânicas distam mais de 8.000 milhas das Falklands – a Marinha americana julgava na época a ação de retomada das ilhas pelos ingleses como impossível devido à dificuldade logística gerada por essa enorme distância).

Contudo, o plano argentino foi adiante e incumbia a Força-Tarefa Anfíbia 40, sob comando do Contra-Almirante Walter Allara, dos seguintes objetivos:

- capturar a guarnição inglesa e retomar o controle das ilhas, fazendo máximo esforço para não provocar baixas nos combatentes adversários e nos habitantes das ilhas, bem como evitar danos às instalações (a preocupação era evitar reprovações por parte dos organismos internacionais ou de outros países por ocasião de negociações diplomáticas);

- capturar o governador local, anular a vontade de combater do inimigo; e

- efetuar o controle do aeroporto por onde viriam suprimentos transportados em aeronaves C-130 Hércules da FAA (Fuerza Aérea Argentina). A Força-Tarefa – composta pelas fragatas *Hércules* e *Santísima Trinidad* (navios de origem inglesa); corvetas *Drummond* e *Granville*; Navio Desembarque de Tropas *Cabo San Antonio*; Quebra-Gelo *Almirante Irizar*; Transporte *Isla de Los Estados*, além do submarino (classe *Guppy*) *Santa Fé* (construído pelos americanos para ser operado durante a Segunda Guerra Mundial) – suspendeu de Puerto Belgrano no domingo, 28 de março, sob pretexto de realizar manobras com navios uruguaios.

Os americanos, que monitoravam por meio de seus satélites a esquadra argentina, alertaram os britânicos.

OS SÚDITOS DA RAINHA PREPARAM AS BOAS-VINDAS

Na quarta-feira 31, a inteligência britânica tinha indícios suficientes de que uma invasão estava por acontecer e alertou as autoridades das ilhas. Imediatamente o governador, Rex Hunt, reuniu os oficiais mais antigos dos Royal Marines para discutirem as ações defensivas a serem tomadas (o Major Mike Norman, por ser mais antigo, ficou com o comando dos efetivos militares, e o Major Gary Noott assumiu a função de assessor militar do governador).

Os ingleses dispunham de 67 fuzileiros, além de 12 militares do HMS *Endurance* que se encontravam em terra. O governador também fez a convocação da força local de defesa, composta de 120 membros, porém apenas 30 compareceram. A esses defensores uniram-se, de forma voluntária, o ex-fuzileiro naval Jim Airfield (que residia nas ilhas) e Jack Sollin, que cedeu seu navio *Forrest* para ser usado a fim de dar o alerta sobre a aproximação da força atacante.

O governador foi à rádio e transmitiu o informe, preparando a população; as aulas foram suspensas e definiu-se a casa do governador (onde também funcionava a sede do governo) como centro coordenador das ações defensivas.

Como providência, a residência do governador foi evacuada, bem como o quartel dos fuzileiros em Moody Brook; o farol de Pembroke foi desligado; os argentinos residentes nas ilhas foram presos e a pista do aeroporto foi obstruída com veículos para evitar o pouso de aeronaves inimigas. “Depois de enviar minha esposa e meu filho para um local seguro, determinei aos funcionários para saírem da casa e levarem apenas o ne-

cessário; vi uma dessas pessoas carregando sob um dos braços um retrato da rainha e no outro uma garrafa de gim” (Rex Hunt).

O Major Norman tinha o objetivo de retardar ao máximo o desembarque e as ações argentinas e para isso dispôs seus homens no aeroporto, nas praias prováveis onde ocorreria o desembarque, na sede do governo e na colina Sapper Hill, onde foi estabelecido um posto de observação.

O DESEMBARQUE

Durante o percurso até o teatro de operações, a força-tarefa argentina enfrentou mar oito na escala Beaufort, ocasionando dificuldades para a tropa embarcada, além da inutilização de um dos caiaques que seriam empregados no reconhecimento da praia. As condições meteorológicas desfavoráveis fizeram com que a operação fosse adiada para 2 de abril.

Às 19 horas do dia 1º de abril, os 91 militares da Agrupación de Comandos Anfíbios embarcados no *Santísima Trinidad* iniciaram os preparativos para o combate que se avizinhava: camuflaram os rostos, vestiram trajes secos e verificaram o armamento. Por meio de um rádio de pilha, escutavam a transmissão da rádio uruguaia Colonia, que noticiava como certa a invasão argentina.

O *Santísima* aproximou-se das costas das Malvinas, demandando as proximidades de Porto Harriet. O objetivo era realizar o desembarque o mais próximo possível de terra. Pouco antes das 21 horas, o navio fundeou em um ponto onde era possível divisar as luzes da costa.

Às 21 horas, pelo fonoclama, os fuzileiros argentinos receberam a ordem para iniciar a manobra de transbordo; 15 minutos depois, o caiaque sobrevivente da tempestade e um bote partiram para realizar o reconhecimento avançado da praia. Às

22h45, os primeiros argentinos alcançaram as Ilhas Malvinas – eram o Tenente (FN) Bernardo Schweizer e o Cabo (FN) Carlos Cequeira, tripulantes do caiaque precursor. Com óculos de visão noturna (OVNs), realizaram o reconhecimento do local e, por meio de um sinal luminoso, enviaram a mensagem ao navio para que as demais embarcações iniciassem o deslocamento.

Os fuzileiros britânicos, que estavam no posto de observação de Sapper Hill, informaram ao Major Norman sobre o ruído de motores. O comandante britânico julgou ser a movimentação de helicópteros inimigos, quando na verdade eram 19 botes *zodiacs* encaminhando-se para a praia. Ao alcançarem terra, os argentinos ocultaram os botes e desejaram *buena suerte* a cada um dos seus companheiros. Às 23h45, rumaram para seus objetivos.

RUMO A MOODY BROOK

Os argentinos desejavam cessar o quanto antes possível a reação britânica. Para isso, foi estabelecido que o aquartelamento em Moody Brook fosse tomado. Paralelamente a essa ação ocorria o desembarque de *Buzos Tácticos*, a partir do Submarino *Santa Fé*, com a função de preparar a praia onde seriam desembarcados a força principal e os veículos anfíbios LVTP-7.

Às 5h30, o ataque ao quartel foi iniciado com granadas e metralhadoras; logo perceberam que o local estava vazio, mostrando o quanto foi eficaz a medida do comando inglês em desocupar o local. Consolidada a segurança na área, hastearam o pavilhão argentino; era a primeira vez que isso ocorria em 149 anos de domínio inglês.

CASA DO GOVERNADOR

Enquanto um grupo dirigiu-se a Moody Brook, um outro, comandado pelo Capitão

de Corveta (FN) Pedro Giachino, encaminhou-se a Port Stanley para cumprir outro objetivo capital da Operação Rosário: capturar o governador.

Às 5h50, os últimos preparativos foram tomados para atacar a sede do governo, e, às 6 horas, o Tenente García Quiroga, atuando como intérprete, emitiu a viva voz o seguinte comunicado: “Sr. Hunt, somos fuzileiros argentinos, as ilhas estão tomadas, os veículos anfíbios desembarcarão e virão até aqui; cortamos o telefone e pedimos que saia sozinho, desarmado e com as mãos na cabeça, a fim de prevenir problemas. Garantimos que sua classe e sua dignidade, assim como de toda sua família, serão respeitadas.”

Após alguns minutos sem obter qualquer resposta, novamente Quiroga interveio sem sucesso; então, o Comandante Giachino, que estava ao seu lado, ordenou o lançamento de uma granada, que explodiu no jardim da residência. Os ingleses reagiram com fogo de fuzis e metralhadoras: tem início o combate mais difícil da operação.

O confronto se dá entre 43 britânicos entrincheirados na casa e 16 argentinos que a cercam. Sob intenso fogo inimigo, Giachino e Quiroga avançam e são atingidos pelos disparos. Imobilizados pelo fogo inglês, os argentinos ficam impossibilitados de resgatar seus companheiros. O cabo enfermeiro Ernesto Urbina, na tentativa de prestar auxílio aos feridos, também é atingido e começa a pedir socorro em inglês.

Com a aproximação de veículos anfíbios e do Batalhão de Infantaria Marinha Nº 2, o governador Hunt, acompanhado dos majores Norman e Noott, decide iniciar conversações para um cessar-fogo. O Contra-Almirante (FN) Busser, comandante das forças terrestres, chega

para iniciar negociações com o governador, ordenando a viva voz cessar fogo aos seus homens. O governador cumprimenta o almirante dizendo: “Isto é propriedade britânica. Você não foi convidado.” Ao final da reunião fica decidida a rendição das tropas inglesas.

Os prisioneiros começaram a ser agrupados (as fotos dos fuzileiros da rainha sendo rendidos causaram grande comoção popular na Inglaterra e furor na Argentina) e os feridos, aten-

didos. Giachino, ferido gravemente, foi levado ao hospital local e atendido por uma equipe médica composta de compatriotas



Comandante Pedro Giachino



Soldados ingleses sob custódia de fuzileiros argentinos

e ingleses, porém os esforços dos médicos não puderam evitar sua morte. O Comandante Giachino era prestigiado por seus comandados; os ingleses, ao prestarem condolências, exaltaram sua atuação em combate. Morreu aos 34 anos, deixando mulher e duas filhas.

A missão estava cumprida: as ilhas estavam sob controle argentino.

DESEFECHO

Os prisioneiros foram repatriados via Uruguai e recebidos como heróis em Londres. A Inglaterra reagiu com a maior mobilização militar feita desde o final da

Segunda Guerra Mundial, enviando uma força-tarefa para retomar o território. O conflito, que durou dois meses, ceifou de ambos os lados a vida de marinheiros, soldados e aviadores e culminou com a vitória inglesa.

“A Guerra das Malvinas, [...] tão elevada, tão cruel, tão santa, tão triste, tão doce, é o expoente histórico mais acabado de como a justiça de causa pode transformar os homens. Fazer de quase meninos verdadeiros homens. De covardes, valentes, e de valentes, heróis, e de heróis, mártires.” (Senhora María Delicia Rearte de Giachino, mãe do Capitão de Corveta Giachino).

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<GUERRAS>; Guerra das Malvinas;

BIBLIOGRAFIA

- DUARTE, Paulo de Queiroz. *Conflito das Malvinas*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1986.
SEINELDIN, Mohamed Ali. *Malvinas, um sentimento*. Rio de Janeiro: Ombro a Ombro, 2004.
VASQUEZ, Juan R. *Los Comandos Anfibios el 2 de Abril*. Buenos Aires: Deyseg, 2002.